

As categorias discursivas das narrativas orais sob a ótica da enação*

Marilene Gonçalves Dias Machado**

Resumo

Este artigo discute a parte estrutural de narrativas orais pelo viés da pragmática com o objetivo de demonstrar atitudes discursivas do narrador decorrentes da relação organismo/ambiente. Leva-se em conta a Enação como fator pragmático de produção de sentido. Uma vez que as expressões verbais perfectivas e imperfectivas estruturam o texto narrativo em categorias discursivas, tem-se Figura e Fundo, Intermediária, Discurso Direto e Fundão no campo gramatical. A discussão mostrou que o agrupamento de unidades informacionais que interrompem o curso da história molda a intensidade do impacto dos acontecimentos para o narrador, reforça o realce dos fatos narrados e traz para as cenas a presença do interlocutor/ouvinte, sugerindo uma instância discursiva na dimensão semântica do texto.

Palavras-chave: Narrativa oral. Enação. Categorias Discursivas. Percepção.

* Este artigo foi elaborado a partir de motivações decorrentes das discussões e dos seminários realizados na disciplina Pragmática: Enação, Ação e Atos de fala, ministrada pelo Prof. Hugo Mari no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Doutoranda em Estudos linguístico pela PUC Minas. Bolsista FAPEMIG.

The discursive categories of oral narratives from the perspective of enaction

Abstract

This article discusses the structural part of oral narratives through the lens of pragmatics with the aim of demonstrating the narrator's discursive attitudes arising from the organism/environment relationship. Enaction is taken into account as a pragmatic factor in the production of meaning. Since perfective and imperfective verbal expressions structure the narrative text in discursive categories, we have Figure and Background, Intermediate, Direct Speech and Foundation in the grammatical field. The discussion showed that the grouping of informational units that interrupt the course of the story shapes the intensity of the impact of the events for the narrator, reinforces the highlighting of the narrated facts and brings the presence of the interlocutor/listener into the scenes, suggesting a discursive instance in the semantic dimension of the text.

Keywords: Oral narrative. Enaction. Discursive categories. Perception.

1. Introdução

A narrativa oral é palco de processos cognitivos que vão desde o pensamento que leva o narrador a categorizar palavras para produzir sentido até ações perceptivas senso-

riais decorrentes da sua interação com o ambiente. Tais ações levam-no a tomar atitudes discursivas adversas para apresentar situações, sensações e desejos ou, até mesmo, fatos externos à história. A partir da hipótese de que a enação conduz atitudes linguísticas do narrador, toma-se o texto narrativo como objeto de análise com vistas a demonstrar ações discursivas que podem ser agrupadas numa categoria na organização das narrativas orais, aqui denominada Reflexiva.

Funções cognitivas como atenção e percepção organizam fatos e circunstâncias ao ponto de dividir o texto narrativo em categorias discursivas. Por meio de expressões verbais perfectivas tem-se o eixo temporal que dá progressão à história permeado por situações circunstanciais dadas pelo valor imperfeito dos verbos. Outros enunciados cujos valores aspectuais não são considerados relatam ocorrências e situações que não fazem parte da história causando interrupções no curso da narrativa.

Portanto, o que está em questão no estudo que segue são as interrupções do curso da história impulsionadas por ações perceptivas, as quais denotam mudança de atitudes discursivas do narrador. Nessa discussão busca-se relacionar tais atitudes à perspectiva do enatismo em que perceber é agir no ambiente.

2. Referencial teórico

As interações comunicativas são estabelecidas pelos textos, eles regem as práticas sociais dos indivíduos. Bonini (2014) define o texto como a engrenagem que conduz as interações. Ao estabelecer uma interação oral, os indivíduos desenvolvem processos cognitivos de natureza social, quais sejam: “emitir sons com fonemas da língua em uso, organizar palavras e sentenças de acordo com a gramática dessa língua e organizar tudo isso

dentro de um gênero específico de sua comunidade de discurso [...]” (Bonini, 2014, p. 210). Nesse cenário, as narrativas orais cuja definição é dada em Marcuschi (2002) é o texto utilizado para contar experiências vivenciadas, segundo o autor a marca predominante da narrativa é a sequência temporal, identificada pelas expressões verbais flexionadas no pretérito perfeito. Trata-se da atuação do aspecto verbal pela base opositiva perfectivo/imperfectivo resultando na divisão do texto em categorias discursivas.

O eixo temporal foi definido em Labov (1972) como esqueleto narrativo, para o autor ele caracteriza o primeiro plano da história. Essa divisão está presente nas narrativas de vários idiomas, possivelmente de todas as línguas do mundo, como afirmou Hopper (1979) ao realizar um estudo translinguístico e perceber traços gramaticais aspectuais marcando essa partição nas narrativas orais de todas as línguas investigadas.

O estudo de Reinhart (1984) associou essa divisão à organização espacial de Figura e Fundo postulada pela Psicologia da *Gestalt*, na qual a percepção é a base para os processos cognitivos. Essa habilidade envolve a atenção seletiva num movimento de separação que se enquadra nas noções de Figura e Fundo. Na imagem que segue é possível ter visão mais nítida do que seja a nossa estruturação visual e a compreensão dos limites de nossa percepção. . A gravura está disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-A-jarra-de-Rubin-figura-X-fundo-1_fig1_277268397>. Acessado em 03 dez. 2024.

Figura 1 - A Jarra de Rubin



Fonte: Researchgate. A jarra de Rubin.

A gravura acima nos dá duas opções de imagem, uma jarra escura ou duas faces claras. Não é possível manter o foco visual nas duas opções, a taça, que é a parte escura, ressalta do fundo branco e a faces são constituídas a partir da parte preta. É uma condição do nosso aparato cognitivo, na qual um elemento invariável é evidenciado a partir de um fundo homogêneo, ou seja, a percepção faz esse tipo de organização inevitavelmente. Assim ocorre na linguagem. De acordo com a autora, o eixo temporal formado pelo aspecto perfectivo reflete propriedades da percepção na linguagem. Em termos gestaltistas, a Figura relaciona-se ao primeiro plano da história.

Em estudo mais recente, Tenuta (1992) corroborou a atuação do aspecto verbal nas narrativas orais do português e apontou outras três categorias discursivas na superfície desse tipo textual. Assim, segundo os estudos Reinhart (1984) e Tenuta (1992) as narrativas orais possuem cinco categorias discursivas, a saber: (i) Figura (FG), identificada por expressões verbais perfectivas, é composta pelos fatos; (ii) Fundo, (FD) diz respeito às circunstâncias que permeiam os fatos; (iii) Intermediária (IM), é uma categoria dependente da Figura, trata-se de orações encaixadas expressas pelo perfectivo ou não; (iv) Discurso Direto (DD), apontada pela encenação de diálogos; (v) Fundão (FN) categoria que abriga falas ou reações do interlocutor durante a narração da história.

Abaixo o fragmento de uma narrativa exemplifica a divisão do texto em categorias discursivas propostas pelas autoras. A mesma narrativa servirá a esse estudo como objeto de discussão e análise, por isso, as unidades informacionais (UI) estão enumeradas e identificadas de acordo com as categorias discursivas pelas abreviaturas correspondentes, conforme mostrado acima. Todas as UI pertencentes à FG aparecem com destaque para realçar o eixo temporal que atravessa o texto narrativo. A história foi coletada da plataforma digital do Youtube e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nPDXDQ-exvA>. Vale ressaltar que a categoria Fundão não aparece nessa narrativa.

(1) *Narrativa: Meu filho nasceu com síndrome de down e agora?*

1. (FG) **Quando eu encontrei a Kiqui**

2. (FD) eu queria ter outro filho

3. (FD) eu já tinha o Vinício, um adolescente, um rapaz bonito

4. (FD) mas eu tinha o sonho

5. (FD) *de ter outro filho e*
 6. (FG) **quando eu encontrei a Kiqui**
 7. (IM) *que hoje é minha esposa*
 8. (FG) **eu vi**
 9. (IM) *que poderia ser possível né e*
 10. (IM) *que poderíamos realizar esse
sonho junto*
 11. (FD) *começamos a namorar*
 12. (FG) **e tudo aconteceu muito rápido né**
 13. (FD) *é um dia eu tava tava em casa*
 14. (FG) **e ela me ligou**
 15. (FG) **e disse**
 16. (IM) *que tinha uma surpresa*
 17. (IM) *pra me contá, uma notícia*
 18. (IM) *pra me dá,*
 19. (DD) *e eu, conta, conta rápido,*
 20. (FD) *né, quando você recebe uma
surpresa, uma notícia*
 21. (FD) *ah você quer saber o que é*
 22. (FG) **e eu disse**
 23. (DD) *então conta rápido*
 24. (FG) **ela disse**
- [...]

Na organização da narrativa acima, é perceptível o eixo temporal que dá progressão à história e situações circunstanciais permeando os fatos. O eixo temporal é identificado pelas expressões verbais perfectivas pretérito perfeito do indicativo - que vão expondo os fatos em sequência cronológica, na medida em que eventos concluídos são narrados. Seu destaque é moldado por situações circunstanciais que intercalam a história, englobando expressões verbais imperfectivas presente e pretérito imperfeito do indicativo, gerúndio e perífrases verbais com valores imperfectivos. Nota-se, também, na superfície do texto, que o narrador assume posturas discursivas diferentes, ora ele narra fatos e situações circunstanciais que permeiam os acontecimentos ora interrompe o curso narrativo apresentando situações ou fazendo reflexões que não fazem parte da história. O exemplo (2) traz um trecho que ilustra essa mudança de postura do narrador:

- (2) 11 (FD) *começamos a namorar*
 12. (FG) **e tudo aconteceu muito rápido né**
 13. (FD) *e um dia eu tava tava em casa*
 - 14 (FG) **e ela me ligou**
- [...]

A UI (11) é de Fundo narrativo marcado por uma locução verbal de valor imperfeito. O narrador poderia continuar a história sem pronunciar a UI (12), ela informa algo externo aos acontecimentos. Percebe-se, então, que houve uma interrupção no curso da narrativa sem causar danos interpretativos, a informação dada em (12) é uma reflexão do narrador frente aos acontecimentos, portanto, não faz parte da história. A flexão verbal no pretérito perfeito aponta para uma Figura narrativa, mas três fatores nos levam a desconsiderar essa classificação: (i) não informa um acontecimento, ou seja, não condiz com o curso da história; (ii) é uma informação dispensável, não causa prejuízos interpretativos; (iii) não é uma circunstância que envolve uma ocorrência narrada. Ao contrário, a UI (13), de Fundo narrativo, traz uma situação circunstancial, dada pelo pretérito imperfeito do indicativo que envolve o fato narrado em (14), uma oração de Figura.

A alternância de ações discursivas da narrativa oral pode estar associada à imprevisão dos processos cognitivos, pois, eles não são lineares e o organismo age de acordo com a perspectiva intencional ou de conhecimento. Esse cenário reflete o enatismo, proposto em Varela *et al.* (1993) para referir à ideia de que a cognição é a enação de um mundo e de uma mente baseada nas ações que um ser executa no mundo.

Entende-se a enação como a forma de ver a interação de um organismo com o mundo, ou seja, conjunto de ações perceptivas decorrentes da relação organismo/ambiente. Segundo os autores, a compreensão do mundo se dá de muitas maneiras, depende da estrutura do ser envolvido e dos tipos de distinções que ele é capaz de fazer, em contra partida, o mundo pode assumir diferentes formas. Observa-se, então, que o dinamismo da enação faz com que nos movimentamos e moldamos o ambiente de acordo com a nossa percepção. O ambiente doméstico pode ser citado como um exemplo, pois ele é moldado conforme o que esperamos ou percebemos a nível de conforto, beleza e funcionalidade.

Noë (2004) enquadra a percepção como habilidade central nas ações, uma vez que ela é constituída pela posse do conhecimento sensório-motor. Isso significa que todos, em alguma extensão, podem ser um percebedor, já que a atividade de perceber é uma habilidade do corpo. O autor destaca que a percepção é profunda e inteligente, porque vem do pensamento. Percebe-se que na linguagem, também, há espaço para ações perceptivas, a narrativa

oral é um exemplo de exposição dessas ações repercutidas nas atitudes discursivas do narrador.

No espírito de relacionar a teoria enativa ao uso linguístico, Froese e Di Paolo (2011) discorrem sobre o enativismo objetivando fornecer as ideias centrais na estrutura teórica da abordagem enativa e refiná-la para a interação social. O enativismo, segundo os autores, compreende um conjunto de ideias, a saber: autonomia, criação de sentido, emergência, corporificação e experiência. Essas ideias são aplicadas em muitas áreas do conhecimento tais como biologia, fenomenologia, vida artificial, ciência social, robótica, psicologia, neurociência e, recentemente, em estudos da interação social. “O processo de interação forma um domínio irreduzível de dinâmica que pode ser constituído da agência individual (De Jaegher and Froese 2009) e da cognição social (De Jaegher et al. 2010).” (Froese e Di Paolo, 2011, p. 2, tradução nossa)¹. Segundo os autores, existem três tipos de situações interacionais: (i) sistema multiagentes (organismicos); (ii) sistemas sociais (animais). (iii) sistemas socioculturais (humanos).

Aqui consideramos o sistema sociocultural que envolve a interação humana pelo uso da linguagem, cuja abordagem pelo viés enativista se baseia no estudo de Bottineau (2011). O autor toma a linguagem como uma forma de cognição viva e incorporada, uma experiência sensório-motora e, com base em Maturana (1980), afirma que é um sistema dinâmico autopoietico. Além de sinais sonoros como assobios, toque de tambores, dentre outros, o autor aponta três tipos de linguagem (i) linguagem introvertida – discurso mental; (ii) linguagem vocal extrovertida vivenciada por dois ou mais usuários da língua reunidos no mesmo ambiente perceptual no espaço e no tempo - a fala; (iii) linguagem manual e extrovertida - a escrita.

Na presente discussão, as lentes são voltadas para a linguagem vocal extrovertida, que, para Battineau (2011) é uma linguagem acústica cheia de acontecimentos que envolve trato vocálico, léxico, componentes gramaticais e é percebida por todos os humanos presentes – ouvinte e falante. O ouvinte relaciona o que ouve a itens de experiências adquiridas pela percepção “(a aparência geral e a atitude do falante, os contextos psicológicos, as referências culturais e o conhecimento, compartilhados ou não).” (Battineau, 2011, p. 272, tradução nossa)². O falante detecta sua atividade pela propriocepção e

1 that the interaction process itself forms an irreducible domain of dynamics which can be constitutive of individual agency (De Jaegher and Froese 2009) and social cognition (De Jaegher et al. 2010).

2 (the speaker's general appearance and attitude, the situation, the psychological contexts, the cultural references and knowledge, whether shared or not).

faz com que o ouvinte construa o significado. Dessa forma, segundo o autor, a vocalização é um processo físico de alinhamento mental e semântico que forma sinapses transicionais complexas e versáteis entre seres conscientes, pois envolve variação lexical, morfossintática e prosódica. A linguagem, para o autor, é um meio alternativo, por ela o falante promulga uma experiência sensorio-motora e torna o ouvinte ciente de algo, seja por ter sentido que o ouvinte não conferiu importância ao fato real seja para servir aos seus propósitos direta ou indiretamente.

Quando trazemos a narrativa oral para a perspectiva da enação é preciso considerar a presença do interlocutor como um fator que estende o enativismo a uma aplicação pragmática por compreender ações que considera mais de um indivíduo. O interlocutor pode bagunçar todo o arranjo do texto no sentido de que o narrador busca a sua atenção e compreensão, não somente dos fatos e circunstâncias, mas também, do impacto ou da importância dessas ocorrências para si. Em função disso, ele interrompe o curso da história e expressa sentimentos, desejos, projeções e/ou reflexões externos à história. Como, geralmente, são decorrentes de ações perceptivas das situações pessoais antes vivenciadas ou sentimentos que se relacionam de alguma forma aos acontecimentos narrados, tais expressões servem ao propósito de conscientizar o ouvinte sobre o impacto dos fatos na vida do narrador, o que não poderia ser feito se não pela linguagem, conforme previsto em Battineau (2011) ao defender que a linguagem é um meio alternativo para produção de sentido. A seção seguinte é dedicada à discussão sobre as categorias discursivas em detrimento das interrupções da narrativa feitas pelo narrador ao trazer para o texto fatos e circunstâncias externos à história.

3. As categorias discursivas e suas atribuições

As categorias Figura e Fundo condensam a história, são os fatos (Figura) e as circunstâncias (Fundo). Aqui o narrador assume o papel de narrar os acontecimentos e realçá-los pelas circunstâncias nas quais eles ocorrem, nesse movimento os processos cognitivos de percepção e atenção distinguem a Figura do Fundo pelo aspecto verbal. São instâncias discursivas

marcadas pela aspectualidade das expressões verbais, por isso, são categorias gramaticais. Veja-se no exemplo (3) UIs destacadas da narrativa acima em que 1, 14 e 15 são identificadas como Figura pela expressão verbal perfectiva. Já as UIs 11 e 13 têm o verbo flexionado no pretérito imperfeito denotando a imperfectividade verbal, por isso, correspondem ao Fundo narrativo:

(3) 1. (FG) *Quando eu encontrei a Kiqui*

11. (FD) *começamos a namorar*

[...]

13 (FD) *é um dia eu tava tava em casa*

14. (FG) *e ela me ligou*

15. (FG) *e disse*

O Fundo narrativo pode ser marcado, também, por outras formas verbais como presente do indicativo, gerúndio ou perífrases verbais com valores imperfectivos. Vê-se que é uma categoria ampla que pode abrigar grande variedade de formas verbais, ao contrário da Figura que se restringe às expressões verbais perfectivas (Reinhart, 1984), (Tenuta, 1992).

Como já observado em Tenuta (1992), nas categorias IM, DD e FN as situações apresentadas são externas à história, ou seja, não condizem com fatos e circunstâncias narrativos. São, portanto, interrupções no curso da narrativa não importando se são perfectivas ou imperfectivas.

Ocorre que algumas UIs, de qualquer categoria discursiva, apresentam traços pragmáticos relacionados ao enativismo, é o caso das UIs 2, 3, 4 e 5 identificadas como FD, elas mostram um desejo do narrador e uma reflexão sobre esse desejo, não correspondem a fatos nem a situações circunstanciais de alguma ocorrência da história.

(4) 2. (FD) *eu queria ter outro filho*

3. (FD) *eu já tinha o Vinício, um adolescente, um rapaz bonito*

4. (FD) *mas eu tinha o sonho*

5. (FD) *de ter outro filho e*

[...]

A expressão das informações contidas no exemplo (4) relaciona-se a uma extensão do enativismo por serem atitudes linguísticas do narrador que servem ao seu propósito de afetar o ouvinte ao ponto de conscientizá-lo

sobre a importância dos acontecimentos que são narrados. A expressão de um desejo (UIs 2, 4 e 5) e a declaração/reflexão de sua situação atual (UI 3) frente ao que almeja são informações que não alteram a sequência cronológica dos fatos não causam prejuízos interpretativos, e não são acontecimentos da história narrada, ou seja, são dispensáveis. No entanto, elas contribuem, em grande medida, para a formação da consciência do ouvinte em relação aos fatos, pois, são relacionadas diretamente a eles e revelam o impacto dos eventos narrados na vida do narrador. Nota-se que ao inserir informações externas à história, o narrador assumiu uma perspectiva intencional, se movimentou de uma forma discursiva marginal em relação à estrutura funcional da narrativa para moldar o ambiente de acordo com a sua percepção, que, nesse caso, foi a expressão do seu desejo e de sua situação atual frente a ele, o que reflete o dinamismo da enação proposto em Varela *et al.* (1993).

Situação parecida ocorre no exemplo (4). Em 6 o narrador repete uma UI de Figura, mesmo contendo expressão verbal perfectiva e já ter sido considerada Figura na UI 1, não seria coerente considerá-la da mesma forma uma vez que é uma repetição, ou seja, é informação velha. Além disso, essa UI parece funcionar como uma ferramenta para introduzir uma situação que, também, não integra a história - a UI 7. Sendo assim, as UIs 6 e 7 interrompem a progressão da história. Da mesma forma, as UIs 8 e 12 classificadas como Figura, elas não trazem fatos que possam ser considerados ocorrências da história narrada, são percepções do narrador frente aos fatos:

(4) 6. (FG) *quando eu encontrei a Kiqui*

7. (IM) *que hoje é minha esposa*

8. (FG) *eu vi*

9. (IM) *que poderia ser possível né e*

10. (IM) *que poderíamos realizar esse
sonho junto*

[...]

12. (FG) *e tudo aconteceu muito rápido né*

Como pode ser observado, não só na FG e no FD, mas também na categoria IM pode ocorrer UIs com traços pragmáticos da Enação. A categoria IM, conforme Tenuta (1992), é identificada pela subordinação à Figura por meio do encaixamento de orações como é visto nas UIs 7 em

relação à oração 6, e 9 e 10 em relação à UI 8. O que se vê nesses casos, além do encaixamento de orações, é a mudança de atitude linguística do narrador. Em 7, ele passa a relatar a situação atual de Kiqui, que não corresponde a um fato nem a uma situação circunstancial de alguma ocorrência da história, da mesma maneira, as UIs 8, 9 e 10 mostram uma reação do narrador decorrente de um fato narrado, não um acontecimento da história.

O mesmo não se aplica às UIs 16, 17 e 18, elas são dependentes da Figura, por isso integram a categoria IM, possuem expressões verbais imperfectivas, mas podem ser consideradas internas à história, portanto, não interrompem o curso da narrativa.

- (5) 14. (FG) e *ela me ligou*
- 15. (FG) e *disse*
- 16. (IM) que *tinha* uma surpresa
- 17. (IM) pra me *contá*, uma notícia
- 18. (IM) pra me *dá*, e eu

Em 20 e 21, reproduzidas abaixo, também direcionadas ao Fundo, o narrador fala de sensações que, como as anteriormente discutidas, não se enquadram no conjunto circunstancial de fatos narrados, como é atribuído a essa categoria:

- (6) 20. (FD) *né*, quando você *recebe* uma surpresa, uma notícia
- 21. (FD) *ah* você *quer saber* o que é

Sobre a Categoria DD, por ser dedicada à encenação de falas, é coerente considerar, quando houver, a marca gramatical do discurso direto, como ocorre na UI 22 em que o verbo anuncia a reprodução da fala de alguém. Logo, por esse ponto de vista, a UI em questão é integrante da categoria DD, caracterizada pelo verbo dicendi que, nesse caso, anuncia a reprodução de uma fala na UI 23, já identificada como DD. Na UI 19, a reprodução da fala não é anunciada como em 22, o narrador já introduz um discurso alheio sem indicá-lo antecipadamente. Os três casos podem ser observados a seguir:

- (7) 19. (DD) e eu *conta, conta* rápido,
[...]
- 22. (FG) e eu *disse*
- 23. (DD) então *conta* rápido
[...]

Vale argumentar que ao introduzir a encenação de uma fala o narrador assume uma postura adversa à narração, assim como em todas as passagens que trazem fatos e situações externas à história.

4. Conclusão

A discussão no tópico anterior levou a concluir que no decorrer de uma narrativa oral o falante experienciador pode ser conduzido por suas percepções em atitudes discursivas antagônicas à narração da história. O estudo de Reinhart (1984) mostrou, com base na Psicologia da *Gestalt*, que, na linguagem, a Figura é realçada pelo Fundo por elementos gramaticais aspectuais. Já a revisão das categorias discursivas, sob a perspectiva da Enação, apontou que o narrador, ao considerar seu interlocutor, lança mão de recursos pragmáticos para elevar a proeminência dos fatos, mesmo já estando realçados pelo Fundo narrativo. Para tanto, ele assume o papel adverso ao de narrador, porque passa a ser condutor da consciência do interlocutor/ouvinte em reflexões sobre os impactos dos fatos na sua vida. Essa mudança de atitude linguística insere situações decorrentes de ações perceptivas das mudanças do mundo que envolvem os fatos narrados, mas que não fazem parte da história. Em cada inserção desse tipo acontece uma interrupção no curso da narrativa, fragmentando ainda mais a organização desse tipo textual, que pela sua estruturação inicial, como mostrado em Reinhart (1984) e Tenuta (1992), já apresenta partições discursivas diversas. É o que foi mostrado nas UIs 2, 4 e 5, 6, 7, 8, 9, 10 20, 21.

Do cenário de interrupções, discutidas acima, emerge uma nova categoria discursiva nas narrativas orais em função da enação, assumida nesse contexto como o conjunto de ações pragmáticas que induzem o narrador a dar lugar às reflexões, acontecimentos e manifestações de desejos e projeções que envolvem os fatos narrados. Proponho, na falta de melhor sugestão, referir a essa instância como categoria Reflexiva (RF).

Outro ponto a ser destacado é o fato de que a categoria Fundação (FN) não apareceu no fragmento em questão, mas, por se tratar de participação direta do interlocutor, ela não é passiva de aplicação dessa análise, porque o que esteve em jogo nesse estudo foram as ações discursivas do narrador.

É importante esclarecer que o fragmento analisado foi organizado em categorias discursivas de acordo com os estudos de Reinhart (1984) e Tenuta (1992) que são de cunho gramatical. As observações sobre as categorias discursivas, aqui expostas, possuem natureza semântica/pragmática, portanto estão longe de fazer qualquer tipo de refutação aos estudos citados.

5. Considerações finais

No caso das narrativas orais, a Enação conduz as mudanças de atitudes discursivas do falante, fazendo com que ele assuma papéis distintos na composição do texto. Em alguns momentos, narra os fatos, em outros dialoga com seu interlocutor interrompendo a ligação temporal dos acontecimentos que dão progressão à narrativa. Em outro caso mais profundo, na categoria DD, o narrador torna-se ator, se pensarmos nessa categoria como uma encenação, conforme sugerido por Tenuta (1992). Assim, a classificação da categoria emergente requer um olhar direcionado às ações linguísticas do narrador que partem do seu pensamento. A cada momento uma mudança, no sentido de expressão de coisas distintas, ora acontecimentos ora sensações, desejos e projeções, porém externos aos fatos narrados.

Nesses momentos, há que se considerar as perspectivas do narrador em relação ao seu interlocutor/ouvinte e não a organização dos fatos e circunstâncias da história. Dito de outra forma, essa classificação vai além da característica aspectual da oração, porque leva em conta a intenção do narrador, ao passo que a classificação gramatical considera os fatos e circunstâncias oferecidas pelo mundo, não as percepções do narrador relacionadas às mudanças do mundo. Dando mais clareza a esse pensamento, pode-se dizer que a classificação gramatical das categorias discursivas da narrativa oral está na base no concreto enquanto a classificação semântica segue a linha do abstrato.

Tudo isso corrobora a ideia de que a língua está a serviço das necessidades comunicativas do falante na medida em que abre infinitas possibilidades de expressão linguística.

Referências

BONINI Adair. Cognição e Gênero textual. In: PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Pedroso de Moraes; FARIAS, Maria Peixoto (orgs). *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Educ. RS: 2014, p. 209 - 225.

BOTTINEAU, D. Language and enaction. In J. Stewart, O. Gapenne, and E.A. Di Paolo (eds), *Enaction: Towards a New Paradigm for Cognitive Science*. Cambridge, MA: The MIT Press, 267–306. 2011.

FROESE, T. & DI PAOLO, E. A. The enactive approach: Theoretical sketches from cell to society. *Pragmatics & Cognition*, 19(1), 1-36. 2011.

HOPPER, Paul J. Aspect and Foregrounding in Discourse. In: *Syntax and Semantics*, Vol. 12. N.Y./S.F./L. Academic Press, 1979.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pa. Press, cap. 9, p. 354-396, 1972.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionízio, A, MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2002. p. 19-36.

NOË, A. *The enactive approach to perception: an introduction Action in perception*. Cambridge, Mass. The MIT Press, 2004, p. 1-34.

VARELA, F.J., Thompson, E. and Rosch, E. *Embodied Mind, cognitive science and human experience*. MIT Press. New York: 1993.

REINHART, Tanya. Principles of gestalt perception in the temporal organization of narrative text. *Linguistics*, v. 22, n. 6, p. 779-809, 1984.

TENUTA, A. M. Tempo, modo e aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo. Dissertação de Mestrado, *Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos*, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1992.